

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
UEMASUL
PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS/PGLS

CRISTIANE VASCONCELOS SILVA DE MELO

**ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS FACILITADORAS: Interação social entre alunos
surdos e ouvintes do ensino básico**

IMPERATRIZ

2023

CRISTIANE VASCONCELOS SILVA DE MELO

**ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS FACILITADORAS: Interação social entre alunos
surdos e ouvintes do ensino básico**

Trabalho apresentado a Universidade Estadual da Região
Tocantina do Maranhão - UEMASUL Campus Imperatriz,
como requisito para obtenção de título de Especialista em
Língua Brasileira de Sinais.

Orientador^a: Prof. Ma. Claudianny Maria Galvão Melo e
Silva

IMPERATRIZ

2023

M528e

Melo, Cristiane Vasconcelos Silva de

Estratégias didáticas facilitadoras: interação social entre alunos surdos e ouvintes do ensino básico. / Cristiane Vasconcelos Silva de Melo. - Imperatriz, MA, 2023.

26 f.; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras) - Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, Imperatriz, MA, 2023.

1. Educação dos surdos. 2. Interação social - ambiente escolar. 3. Língua Brasileira de Sinais - Libras. 4. Imperatriz - MA. I. Título.

CDU 376.33

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Mateus de Araújo Souza CRB13/955**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
UEMASUL
PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS/PGLS


CRISTIANE VASCONCELOS SILVA DE MELO

**ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS FACILITADORAS: Interação social entre alunos
surdos e ouvintes do ensino básico**


Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Brasileira de Sinais, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL.

Aprovado em: __/__/


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDIANNY MARIA GALVAO MELO E SILVA**
Data: 01/03/2024 09:13:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Prof^ª. Ma. Claudianny Maria Galvão Melo e Silva).

Documento assinado digitalmente
 **FAUSTO RICARDO SILVA SOUSA**
Data: 01/03/2024 18:15:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Prof.Me. Fausto Ricardo Silva Sousa).

Documento assinado digitalmente
 **HAVILA SAMUA OLIVEIRA SANTOS**
Data: 01/03/2024 11:26:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Prof^ª. Esp. Hávila Sâmua Oliveira Santos).

RESUMO

A presente pesquisa de campo tem como tema, Estratégias didáticas facilitadoras: interação social entre alunos surdos e ouvintes do ensino básico, dessa forma, tem como base teórica autores de grande relevância para a comunidade surda e que com seus pensamentos compactuam com o tema proposto, como é o caso de Lopes (2001), Strobel (2009), Tanya (2007), Stumpf (2009), Felipe (2007), Pinto (2018). Além disso, é importante que os professores entendam que a presença de alunos surdos em sala de aula serve de motivação para criar um bom planejamento das aulas, programando ações que contemplem as especificidades desses discentes. Outras estratégias incluem pesquisar sobre os surdos e o ensino para tais sujeitos, utilizar estratégias e recursos pedagógicos diferenciados, promover a participação e a integração entre todos os alunos, considerar o aluno surdo na escolha do livro didático, ter respeito linguístico, compartilhar experiências e militar pela inclusão. A metodologia utilizada foi uma roda de conversa, filmes com temas relacionados, dinâmicas e um questionário aplicado posteriormente com alunos da escola Municipal João do Vale, localizada na zona rural do município de Açailândia – MA. Podendo-se observar que durante a interação entre eles de forma natural só poderá acontecer se a Língua Brasileira de Sinais for praticada de forma corriqueira dentro e fora da sala de aula.

Palavras-chave: Interação social. Ambiente escolar. Língua Brasileira de Sinais.

ABSTRACT

The present field research has as its theme, Facilitating didactic strategies: social interaction between deaf and hearing students in basic education, thus, its theoretical basis is authors of great relevance to the deaf community and who, with their thoughts, agree with the proposed theme, as is the case of Lopes (2001), Strobel (2009), Tanya (2007), Stumpf (2009), Felipe (2007), Pinto (2018). Furthermore, it is important that teachers understand that the presence of deaf students in the classroom serves as motivation to create good lesson planning, programming actions that take into account the specificities of these students. Other strategies include researching deaf people and teaching for such subjects, using differentiated pedagogical strategies and resources, promoting participation and integration among all students, considering deaf students when choosing the textbook, having linguistic respect, sharing experiences and military for inclusion. The methodology used was a conversation circle, films with related themes, dynamics and a questionnaire subsequently applied to students from the João do Vale Municipal School, located in the rural area of the municipality of Açailândia – MA. It can be observed that during interaction between them in a natural way, it can only happen if Brazilian Sign Language is practiced routinely inside and outside the classroom.

Keywords: Social interaction. School environment. Brazilian Sign Language.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 OBSERVANDO AS DIFICULDADES COTIDIANAS DE INTERAÇÃO SOCIAL ENTRE ALUNOS SURDOS E OUVINTES	9
2.1 Inclusão: qual seu real sentido?.....	10
2.2 LIBRAS: Uma ótica pessoal sobre o processo de desenvolvimento social da criança e do adolescente surdo no âmbito escolar	13
3 AS DIFICULDADES DE INTERAÇÃO SOCIAL ENTRE ALUNOS SURDOS E OUVINTE	16
3.1 Colocando em prática a língua de sinais no ambiente profissional.....	17
3.2 Estratégias didática para inserir a língua de sinais no ambiente escolar....	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
APÊNDICE	25
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE LIBRAS APLICADO AOS ALUNOS DO 6º AO 9º DA ESCOLA JOÃO DO VALE, DE FORMA PRESENCIAL.....	25

1 INTRODUÇÃO

Já imaginou chegar em um ambiente e não conseguir se comunicar com ninguém? O constrangimento e a sensação de que você está totalmente deslocado em um espaço onde todos conseguem conversar uns com os outros de forma totalmente natural, e que para você fazer uma simples saudação a um colega é necessário que outra pessoa interceda.

Essa é a realidade de muitas crianças e adolescentes surdos do ensino básico no ambiente escolar, isso porque a Língua de Sinais não é algo tão presente nas escolas do Brasil, uma vez que a grade escolar segue as normas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dessa forma a Língua Brasileira de Sinais não entra como uma disciplina obrigatória, como é o caso das outras disciplinas como língua portuguesa e matemática, por exemplo.

Esta pesquisa de campo traz estratégias didáticas que visam a aplicação da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como método facilitador para a interação social entre alunos surdos e ouvintes no ambiente escolar de forma corriqueira. Adotando a língua de sinais como conteúdo programático do ensino básico, as chances de inclusão de forma eficaz se tornam ainda maior.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, juntamente com outros recursos associados a ela. Entende-se como Libras a forma de comunicação e expressão que utiliza um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria.

Sabe-se que a língua é um dos maiores viés de comunicação, seja ela verbal ou não. Isso se deve justamente pela interação social que o ato de se comunicar promove. Segundo o conceito de identidade, Lopes (2001), expressa o seguinte, “a população surda se enquadra no conceito de que não basta existir, mas fazer-se ser, identificando-se e constituindo a comunidade”.

Compactuando com o mesmo pensamento teórico, Strobel (2009), diz que, “Quando pronunciamos ‘povo surdo’, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem”, ou seja, por meio de um código ético de formação visual, é possível promover a inclusão de pessoas com diferentes graus de evolução linguística, como aquelas que utilizam a língua de sinais, pertencem à cultura surda ou possuem outros laços que as conectam.

Esse código ético tem como objetivo garantir que a formação visual seja acessível e respeitosa para todos, independentemente de suas particularidades

Esta pesquisa se propõe a abordar a questão da interação social entre estudantes surdos e ouvintes no ambiente acadêmico. A partir de relatos de pessoas surdas e de opiniões de extrema relevância no assunto como é o caso autor especializado, Strobel, citado acima. Identificamos que muitos estudantes surdos enfrentam dificuldades em se integrar socialmente em sala de aula e em atividades extracurriculares. Com base nesses dados, esta pesquisa busca propor soluções para tornar o ambiente acadêmico mais inclusivo e acessível para todos os estudantes, independentemente de suas habilidades auditivas.

Elaborado por uma experiência própria vivida durante o estágio do ensino médio, e agora no campo profissional, é que a pesquisa toma corpo. Vivenciando a rotina de alunos surdos em salas de aula do ensino básico, pude perceber o quanto projetos com essa pauta se tornam necessário para o conhecimento geral da sociedade, e principalmente para aqueles que podem de alguma forma mudar esses fatores através das políticas públicas sociais e da educação.

Esta pesquisa visa propor estratégias que possam inserir a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como um conteúdo corriqueiro para alunos ouvintes e surdos no ensino básico em todas as escolas do Brasil, sejam elas públicas ou particulares, para que dessa forma os alunos ouvintes tenham conhecimento e habilidades para se comunicar de forma natural com os alunos surdos.

2 OBSERVANDO AS DIFICULDADES COTIDIANAS DE INTERAÇÃO SOCIAL ENTRE ALUNOS SURDOS E OUVINTES

A partir de uma observação durante o período de estágio, foi possível perceber durante os momentos de recreação em uma escola do município de Açailândia, a falta de comunicação e de interação recreativa de um adolescente surdo para com seus colegas de sala, que na sua maioria são ouvintes.

Essa visualização despertou o interesse em pesquisar sobre as dificuldades de interação entre os adolescentes e os alunos surdos, e tentar buscar uma forma eficaz de fazer com que esses estudantes começassem a interagir de forma natural entre si, partindo do princípio para tal ato, que é a comunicação.

A proposta principal deste artigo é a inclusão da língua de sinais no dia a dia dos alunos ouvintes por meio do planejamento de aulas. É extremamente necessário que os alunos ouvintes da educação básica sejam inseridos na comunidade surda para que possam interagir socialmente com seus colegas surdos dentro e fora da sala de aula. Dessa forma, os alunos ouvintes podem aprender a se comunicar com seus colegas surdos e a compreender melhor suas necessidades, promovendo assim a inclusão e a diversidade na escola.

Isso porque, a comunidade surda abrange todas as pessoas, sejam elas parentes ou amigos que tenham contato direto com indivíduos que tenham algum grau de surdez. O dia 26 de setembro é uma data extremamente relevante para comunidade surda, pois é nesse dia que se comemora o Dia Nacional dos Surdos, amparados pela Lei nº 11.796, a partir de 2008.

Em 2002, de acordo com a Lei nº 10.436 a Libras foi reconhecida como língua oficial dos surdos, graças a luta incessante e a grande mobilização das políticas sociais inclusivas da comunidade surda pelos seus direitos. Desde então, essa comunidade vem lutando cada vez mais por reconhecimento e para que esses direitos sejam preservados e acima de tudo respeitados.

Apesar de ter sido reconhecida como língua oficial da comunidade surda há mais de vinte anos, a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS ainda é pouco utilizada nas salas de aula do ensino básico em todo o país. Por esse motivo a linguagem de sinais se torna um grande desafio para todos aqueles que convivem com uma pessoa

surda, mas infelizmente não consegue se comunicar, e constrange aqueles que lutam constantemente por voz e vez na sociedade, e que precisam da LIBRAS para se comunicar e se integrar plenamente à sociedade.

Dessa forma, Tanya (2007) enfatiza que, “A língua de sinais permite a melhor interação entre pessoas surdas e, nas escolas, entre professores e alunos surdos e entre estes e seus colegas”. Em outros termos, isso significa que a linguagem permite ao ser humano planejar e regular suas ações. É por meio dela que se torna possível fazer a leitura do mundo e da palavra, pois uma não acontece sem a outra. Essas formas de leitura constituem a base da linguagem, que se dá pela interação social entre os sujeitos.

Levando em consideração a opinião da autora, pode-se inferir que a língua de sinais é uma ferramenta essencial para a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, e é especialmente importante nas escolas, onde professores, os intérpretes e alunos surdos precisam se comunicar com seus colegas ouvintes. A linguagem de sinais permite que o ser humano planeje e regule suas ações, e é fundamental para a leitura do mundo e da palavra. A interação social é a base da linguagem, e a língua de sinais é uma forma importante de interação entre os sujeitos.

O papel do intérprete de Libras em sala de aula é extremamente necessário e importante para o desenvolvimento do acadêmico surdo, contudo, não é o suficiente para que essa criança, adolescente ou até mesmo adulto se sinta à vontade para interagir com seus colegas de turma, uma vez que, em certos assuntos esse intérprete pode de alguma forma tirar a privacidade desse aluno surdo.

Portanto, esta pesquisa tem como foco principal encontrar estratégias pedagógicas que incluam a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como um conteúdo corriqueiro na vida dos estudantes do ensino básico. Dessa forma, não seria os estudantes surdos a serem incluídos e sim os alunos ouvintes, fazendo valer de forma eficaz a expressão “inclusão”.

2.1 Inclusão: qual seu real sentido?

Em seu conceito original, inclusão é o ato de incluir e acrescentar, dessa maneira, adicionar coisas ou pessoas em grupos e núcleos que antes não faziam

parte. Em síntese, a inclusão é um princípio fundamental para construir uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos possam contribuir e se beneficiar plenamente.

Quando pensamos em inclusão, é comum imaginarmos as inúmeras formas de tornar as pessoas ao nosso redor mais confortáveis. No entanto, é extremamente relevante salientar que a sociedade tem buscado cada vez mais avanços para democratizar vários vieses da inclusão. Esses avanços têm se tornado cada vez mais frequentes e são fundamentais para garantir a igualdade de acesso a bens e serviços, promovendo a diminuição das dificuldades de obtenção de benefícios para vida em sociedade, independentemente de classe social, gênero, raça, deficiência, educação, entre outros.

Dessa forma, a busca incessante da comunidade surda por vez e voz na sociedade brasileira vem se elencando por lutas de pessoas que já não querem mais apenas um intérprete em sala de aula, mas também a soma da sociedade ouvinte nessa comunidade para que de fato haja a real inclusão. A língua no geral é um dos principais portais para a comunicação, Felipe (2007, p. 33) afirma que:

Quando uma pessoa aprende uma língua, apreende também os hábitos culturais e os contextos aos quais certas expressões estão vinculadas. Diante de situações como apresentações de pessoas, cumprimentos, saudações, cerimônias religiosas, casamentos, velórios, entre outros eventos, as pessoas assumem comportamentos distintos e se comunicam de acordo com estas situações (Felipe 2007, p. 33).

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, tornou-se oficialmente a segunda língua brasileira, isso se deu graças a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 viabilizada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de abril de 2005, que por sua vez mostra-se cada vez mais forte no meio educacional. Sobre a estrutura bilíngue de educação para surdos, Stumpf afirma:

A construção de um modelo bilíngue de educação para os surdos é uma tarefa complexa e exigente e as soluções simplistas só mascaram o inadequado da instituição escolar. Se não dedicarmos a necessária atenção e recursos, não trabalharmos com rigor científico, a Educação de Surdos vai continuar sendo um fracasso (STUMPF, 2009, p. 436).

Levando em consideração o pensamento do autor, pode-se deduzir que seria bem mais eficaz introduzir um modelo bilíngue em relação a LIBRAS, para alunos

ouvintes, uma vez que, sendo praticada corriqueiramente assim como é trabalhada disciplinas obrigatórias como é o caso da língua portuguesa e matemática por exemplo, seria bem mais plausível para fluência do alunado ouvinte. Em relação ao acesso e difusão da LIBRAS no contexto educacional, o Decreto nº 5.626 dispõe que:

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até a superior.

§ 1º Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no caput, as instituições federais de ensino devem: (...)

V – Apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos.

A lei na teoria busca formas de introduzir uma educação bilíngue para surdos, mas será que de fato esse bilinguismo está sendo aplicado de forma correta? Além da capacitação de profissionais na área de LIBRAS, algo que seria bastante eficaz para o desenvolver do processo social inclusivo para com esse surdo seria o ensino da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS para a sociedade no geral, seja na escola ou fora dela.

Dessa maneira, haveria uma interação de forma natural entre esses alunos, somente conhecendo LIBRAS é que esses alunos poderão ter noção de como é realmente interagir em si. Sabendo da extrema relevância do ensino da língua de sinais, Pinto expressa que.

[...] os 5 parâmetros da Libras são comparados aos fonemas no português e, às vezes, aos morfemas e estas estruturas sublexicais, fazem parte da gramática da Língua de Sinais com características distintivas ou características notáveis usadas para criar sinais com significado em Libras. Para produzir um sinal e retransmitir uma palavra com significado, esse sinal deve seguir cinco parâmetros que determinam sua definição e tom como: Configuração de Mãos, Ponto de Articulação, Movimento, Orientação e Expressão faciocorporal (PINTO, 2018 p. 87).

Seguindo o raciocínio do autor, pode-se afirmar então que os cinco parâmetros da Língua Brasileira de Sinais (Libras) são fundamentais para a produção de sinais com significado. Eles são comparados aos fonemas e morfemas no português, pois são estruturas sublexicais que fazem parte da gramática da língua de sinais. É importante lembrar que a Libras é uma língua completa e complexa, com sua própria

gramática e estrutura, e que a compreensão desses parâmetros é fundamental para a comunicação efetiva em Libras.

A comunicação é um dos maiores meios de inclusão, seja ela verbal ou não, o ensino de LIBRAS com todos os seus vieses que vão desde a gramática até a própria articulação com as mãos, para alunos ouvintes traria justamente esse olhar mais afetivo para a real inclusão, essa educação bilingue seria bastante necessária para efetivar uma mudança nas concepções oferecidas no âmbito escolar. Em relação a tal fator veja o que Brito dialoga com o autor citado acima:

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam também especificidades, mas seguem também princípios básicos gerais. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. A LIBRAS é a língua utilizada pelos surdos que vivem em cidades do Brasil onde existem comunidades surdas, portanto não é uma língua universal (Ferreira – Brito 1997, p. 23).

Portanto, para ambos os autores, seria de uma grandeza imensa para a socialização entre alunos surdos e ouvintes o ensinamento da língua de sinais em salas de aula da educação básica, pois sabemos que a LIBRAS, como todas as outras línguas faladas mundo a fora, é um dos maiores meio de construção da comunicação, e que reforça não só a cultura, mas também a identidade de uma pessoa. Ressaltando que é ensinando a Língua Brasileira de Sinais desde a alfabetização e letramento para o aluno ouvinte que teremos ao longo dos anos alunos fluentes em LIBRAS, fazendo inclusão da forma certa e eficaz.

2.2 LIBRAS: Uma ótica pessoal sobre o processo de desenvolvimento social da criança e do adolescente surdo no âmbito escolar

Durante o estágio do ensino médio numa escola estadual da cidade de Açailândia no estado do Maranhão, foi possível observar algumas situações que mereciam um olhar mais crítico, o que chamou bastante a atenção foi a relação da interação social de alguns alunos, dentre eles o que mais despertou a atenção foi de um aluno surdo, esse aluno já está na fase adolescente, momento esse em que

sabemos que há uma explosão de hormônios e sensações que ainda são desconhecidas nessa faixa etária pela maioria dos adolescentes.

O fato é que na turma em que estagiei havia cerca de 42 alunos com idades entre 14 e 17 anos, com grande interação social entre eles. Então comecei a perceber que o aluno surdo não interagia com os demais colegas de turma, isso porque, os alunos ouvintes não sabiam se comunicar com ele, e na maioria das vezes ele estava sempre sozinho ou as vezes que precisava se comunicar, avisava a intérprete.

Conversando com a intérprete, indaguei se ele era sempre recluso daquela forma, então ela me informou que na maioria das vezes sim, mas quando ele quer falar com alguém ele pede para ela comunicar o que ele está tentando dizer. Ela também informou que ele se estressa muito rápido quando tenta se comunicar e as pessoas não entendem o que ele quer dizer, dessa forma, na maioria das vezes ele acaba que por desistir de conversar com os outros colegas.

Numa aula sobre produção textual, o professor pediu para a turma se dividir em grupos de seis pessoas para que fosse elaborado um texto sobre o atual cenário político, optei por ficar auxiliando o grupo do aluno surdo para ter um contato maior com ele. Com a pouca experiência que tenho em relação a comunicação em Língua brasileira de sinais – LIBRAS, tentei me comunicar com ele e o feedback veio, então ele me falou o quanto é difícil ser o único aluno surdo em uma turma com mais de quarenta alunos.

Relatou que quando acontece de a intérprete ter algum tipo imprevisto ou fica doente por exemplo e tem que faltar, ele se sente mais deslocado ainda, então ele simplesmente não assiste a aula e volta para sua casa, uma vez que nem seu próprio professor consegue se comunicar com ele.

Foi então que percebi o quanto somos falhos em relação as dificuldades do nosso próximo, o quanto as políticas sociais são insuficientes no quesito inclusão e enquanto profissionais da educação estamos sendo insuficiente. O fato é que nós como ouvintes é que deveríamos ser inclusos no meio da comunidade surda, aprender a se comunicar de forma fluente com nossos colegas surdos, somos nós que deveríamos buscar informações e meios que facilitem a vida dessas pessoas.

Colocar um intérprete na sala de aula não é suficiente para incluir essa criança, adolescente ou até mesmo esse adulto no meio social, não é o suficiente para haver interação de modo que esse aluno surdo se sinta confortável naquele ambiente. Pois,

em alguns momentos esse indivíduo com surdez quer ter seus momentos de conversas íntimas com os colegas e com a presença do (a) intérprete isso acaba não acontecendo.

Na minha perspectiva a inclusão efetiva só acontece de fato quando os alunos surdos e ouvintes podem transitar no mesmo cenário colegial sem encontrar dificuldades de interação social, ou seja, quando o ambiente escolar é totalmente confortável para essa socialização entre os estudantes fazendo valer uma boa comunicação entre eles.

É completamente assustador que o Brasil tenha uma carência tão grande no que diz respeito a profissionais habilitados em LIBRAS, sem contar que é gritante a quantidade de pessoas que são realmente qualificadas e que estão atuando como mediadores desse tipo de educação, o que faz com que o processo educacional da criança/adolescente surda seja comprometido em relação ao contexto educacional inerente ao progresso da aquisição da linguagem e cultura na sua amplitude social.

Por conseguinte, a ideia de adicionar a língua de sinais no dia a dia desses alunos do ensino básico, traria um maior resultado em relação a capacitação de profissionais da área, isso porque, se praticado de forma corriqueira dentro e fora da sala de aula, seria possível criar uma sociedade bilingue no que diz respeito a Língua Brasileira de Sinais.

3 AS DIFICULDADES DE INTERAÇÃO SOCIAL ENTRE ALUNOS SURDOS E OUVINTE

A interação social entre alunos surdos e ouvintes no ambiente escolar pode ser um desafio, mas também pode ser uma grande oportunidade para aprimorar a inclusão e a diversidade. De acordo com um artigo publicado na Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, a inclusão de alunos surdos em classes regulares é um processo que ainda enfrenta muitos obstáculos. A falta de linguagem oral pode dificultar o ingresso dos alunos surdos na escola, e as instituições de ensino devem planejar seu itinerário para possibilitar a aprendizagem do educando.

Os professores podem sentir dificuldade em lidar com diversas situações no contexto da sala de aula, diante da tomada de conhecimento sobre o contexto afetivo/particular e/ou social do aluno, para que assim, possam desenvolver saberes e mobilizá-los no seu itinerário educativo. Além disso, os alunos surdos enfrentam dificuldades na relação de linguagem, comportamentos e hábitos entre alunos surdos e ouvintes.

No entanto, é importante destacar que existem possibilidades para superar essas dificuldades. Um estudo publicado na Revista Científica da Educação Especial, destaca que a interação entre alunos surdos e ouvintes pode ser uma oportunidade para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

As dificuldades de interação social entre alunos surdos e ouvintes no ambiente escolar são reais, mas existem maneiras de superá-las. É importante que as instituições de ensino planejem seu itinerário para possibilitar a aprendizagem do educando e que os professores estejam preparados para lidar com as situações no contexto da sala de aula.

Planejar estratégias para aplicar a língua de sinais no dia a dia dos alunos ouvintes em sala de aula seria um grande passo para mudar o comportamento dos estudantes ouvintes para com seus colegas surdos, isso porque a prática dos sinais acarretaria uma grande quantidade de pessoas ouvintes sabendo se comunicar com pessoas surdas, não só no ambiente escolar, mas em todas as repartições públicas.

Dessa forma, pode-se dizer que a pesquisa é considerada um relevante instrumento de coleta de dados e compartilhamento de informações que, segundo Lakatos e Marconi (2014, p. 16), “visa responder as necessidades de conhecimento

de certo problema ou fenômeno; várias hipóteses são levantadas e a pesquisa pode invalidá-las ou confirmá-las”.

Em virtude da afirmação de Lakatos sobre a importância que a pesquisa tem tanto para o pesquisador quanto para a sociedade, é que esta pesquisa de campo toma corpo. A partir de uma ótica pessoal durante o estágio do ensino médio é que levo esta pesquisa para o campo profissional.

3.1 Colocando em prática a língua de sinais no ambiente profissional

Foi realizada na escola municipal de Açailândia, João do Vale, da qual faço parte do corpo docente, uma pesquisa de campo relacionada as dificuldades de interação social entre alunos surdos e ouvintes.

O primeiro passo foi realizar uma roda de conversa com os alunos do 6º ao 9º ano, e a partir dessa atividade foi possível observar alguns posicionamentos dos alunos, a opinião deles foi de grande aproveitamento para a elaboração de um questionário mais minucioso envolvendo o tema trabalhado neste artigo.

Durante a pesquisa, foi feita várias dinâmicas aplicando a língua de sinais, momento cinema abordando filmes relacionados com o tema, o que deixou os alunos bastante entusiasmados, o primeiro passo foi apresentar o alfabeto em LIBRAS para eles, depois foram realizadas várias sequencias de apresentações e saudações em língua de sinais incluindo a apresentação do próprio nome.

O que mais chamou a atenção durante a pesquisa é que a medida em que eles foram aprendendo alguma coisa nova sobre língua de sinais, eles sentiam a necessidade da comunicação com o colega surdo, uma forma de mostrar que eles estavam aprendendo a buscar uma forma de se comunicar com ele.

Usando a tecnologia ao nosso favor, uma estratégia pedagógica que foi usada durante as aulas, foi a apresentação dos aplicativos para os alunos ouvintes, como por exemplo, o Hand Talk tradutor para LIBRAS e o Librasol, que são uma espécie de tecnologia assistiva. A maioria dos alunos da turma possuem celulares smartphone, então solicitei que eles baixassem os aplicativos e praticassem todos os dias em casa, assim, teríamos sempre um momento durante as aulas de língua portuguesa para treinar a língua de sinais.

No ambiente escolar é cheio de cartazes com figuras, além destes, é possível observar também os objetos, então todas essas coisas foram usadas para aplicar a língua de sinais, mostrando os objetos e explicando os sinais daqueles objetos em Libras.

Foi maravilhoso observar o quanto os alunos se empenhavam para aprender a língua de sinais, mesmo que utilizando de pouco tempo das aulas para tais dinâmicas, foi notável o desenvolvimento deles em aprender a variedade de sinais dos quais eles foram apresentados, então imagina a fluência desses alunos se a língua de sinais fosse algo corriqueiro durante todo o ano letivo.

O ponto de partida para elencar esta pesquisa foram relatos de pessoas que se sentem desprotegidas pelas políticas públicas sociais em relação a verdadeira inclusão no ambiente escolar. Isso se deve, ao fato de que para se ter uma verdadeira interação social entre alunos ouvintes e alunos surdos, ter só o intérprete em sala não é o suficiente, uma vez que, a comunicação sem interrupções é um direito de todos, independentemente da língua.

3.2 Estratégias didática para inserir a língua de sinais no ambiente escolar

Pode-se tornar um desafio muito grande para os professores e gestores de uma escola o planejamento de uma aula que inclua a língua de sinais no dia a dia de alunos surdos e ouvintes para que haja a interação social entre eles. Contudo, existem algumas estratégias que podem ajudar a amenizar as dificuldades dessa interação em sala de aula, por exemplo, incentive a comunicação entre esses alunos, proporcione momentos em que eles possam se comunicar usando a língua de sinais. Isso pode ser feito por meio de atividades em grupo, jogos e outras atividades divertidas.

Use recursos visuais, como imagens e vídeos, para ajudar os alunos a entenderem melhor a língua de sinais, crie um ambiente inclusivo na sala de aula, onde todos os alunos se sintam confortáveis e incluídos. Isso pode ser feito por meio de atividades em grupo e outras atividades que promovam a inclusão. Assim, reitera Perlin (2005) a respeito da identidade surda, “pode-se inferir que esse aspecto está fortemente presente nos movimentos surdos, na consciência de ser diferente e necessitar de recursos visuais para estabelecer a comunicação”.

Promova a empatia entre os alunos para que eles possam interagir entre si dentro e fora da sala de aula, incentivando-os a se colocarem no lugar do outro. Isso pode ajudá-los a entender melhor as dificuldades que os alunos surdos enfrentam. Incentive a prática diariamente para os alunos e que eles possam se familiarizar com a língua de sinais fora da sala de aula. Isso pode ser feito por meio de atividades extracurriculares, como clubes de língua de sinais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para chegar nos resultados e discussões, foi realizado um questionário de dez questões, nas turmas de ensino fundamental maior do 6º ao 9º ano da escola municipal João do Vale, localizada na zona rural do município de Açailândia, ao todo, 48 alunos responderam ao questionário, destes, quatro foram selecionados, um de cada turma, para compor os quadros de respostas de cada grupo escolar.

O principal intuito do questionário é saber se os alunos têm contato com pessoas surdas e se eles conseguem de alguma forma se comunicar de forma natural sem a presença do intérprete de Libras. Do questionário foram retiradas quatro perguntas para servir de base para a análise desta pesquisa, segue abaixo as perguntas escolhidas e as respostas dos alunos selecionados:

3- VOCÊ JÁ TEVE A OPORTUNIDADE DE INTERAGIR COM ALGUÉM QUE É SURDO? SE SIM, COMO FOI A SUA EXPERIÊNCIA?

Escola Municipal João do Vale - Zona rural de Açailândia MA Respostas dos alunos do 6º ao 9º ano	
A	<i>“Não, tem um menino mudo no 8º ano da escola, mas não falo com ele porque não sei falar língua de mudo”.</i>
B	<i>“Sim com o W., só que eu não sei por que ele não fala”.</i>
C	<i>“Sim, com o W... da minha sala, eu sei falar oi e boa tarde pra ele”.</i>
D	<i>“Sim com meu amigo W..., mas não sei falar com ele, ele escreve no papel”.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

5- VOCÊ ACHA QUE A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM ESCOLAS REGULARES É IMPORTANTE? JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA?

Escola Municipal João do Vale - Zona rural de Açailândia MA Respostas dos alunos do 6º ao 9º ano	
A	<i>"Eu não sei o que inclusão".</i>
B	<i>"não sei responder".</i>
C	<i>"Acho que sim".</i>
D	<i>"Sim, não sei justificar só acho que sim".</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

8- VOCÊ ACHA QUE A TECNOLOGIA PODE AJUDAR A MELHORAR A INTERAÇÃO SOCIAL ENTRE ALUNOS SURDOS E OUVINTES? POR QUÊ?

Escola Municipal João do Vale - Zona rural de Açailândia MA Respostas dos alunos do 6º ao 9º ano	
A	<i>"Acho que sim".</i>
B	<i>"Sim, o celular com o jogo que a tia mostrou".</i>
C	<i>"Sim, a tia Cris mostrou no telefone um aplicativo que ensina a se comunicar com a pessoa que é muda".</i>
D	<i>"Sim, porque tecnologia ajuda".</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

9- QUAL SUA MAIOR DIFICULDADE PARA SE COMUNICAR COM UM COLEGA SURDO?

Escola Municipal João do Vale - Zona rural de Açailândia MA Respostas dos alunos do 6º ao 9º ano	
A	<i>“Não sei”.</i>
B	<i>“(sem resposta)”.</i>
C	<i>“Não saber”.</i>
D	<i>“Não saber falar com ele sem papel”.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Pode-se perceber nas respostas acima que os alunos desconhecem alguns termos, e que eles não têm conhecimento da língua de sinais, contudo, eles tem contato com uma pessoa surda, um colega de turma, e que esses mesmos alunos tem o desejo de se comunicar com esse colega, porém, não conseguem pois como não praticam a língua de sinais diariamente fica quase impossível a comunicação entre eles de forma natural, é necessário que os colegas do aluno surdo escrevam no papel e vice-versa para que haja comunicação entre eles.

Portanto, o que se pode obter do questionário para a pesquisa, é que para haver comunicação de forma natural entre os alunos surdos e ouvintes é necessário a pratica da língua de sinais de forma corriqueira no ambiente escolar, proporcionando assim, uma melhor interação social entre eles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência da língua de sinais dentro e fora da sala de aula é uma problemática que pode influenciar negativamente a interação social entre alunos surdos e ouvintes. Essa pesquisa tece uma reflexão sobre essa questão, destacando a importância da prática da língua de sinais para a inclusão e a promoção da interação social entre os alunos.

Nesse sentido, é perceptível as dificuldades que os alunos surdos enfrentam diariamente para se comunicar com os colegas no ambiente escolar, infelizmente porque os alunos ouvintes não estão familiarizados com a língua de sinais de forma natural, uma vez que até mesmo os profissionais da educação em sua maioria não a dominam.

Durante a realização do presente trabalho de campo, foi possível perceber a empolgação dos alunos ouvintes durante a realização das tarefas que lhes eram propostas e o quanto eles conseguiram se conectar uns com os outros, a medida em que eles aprendiam algo novo era perceptível a vontade deles de mostrar ao colega surdo o que já sabiam. A pesquisa logrou êxito, isso porque, mesmo em pouco tempo da realização desta foi possível conceder aos alunos uma forma de interação social entre si em que eles levarão para toda a vida.

Com isso, reafirmo a necessidade de se criar boas estratégias que insiram a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS de forma corriqueira no ambiente escolar, para que seja um grande meio influenciador para a interação social entre os alunos surdos e ouvintes, e façam com que esses estudantes formem uma sociedade bilingue no que diz respeito a língua de sinais, para ampliar a comunicação de forma totalmente natural entre pessoas surdas e pessoas ouvintes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Diário Oficial da União. Brasília.

Felipe, Tanya A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante** / Tanya A. Felipe. 8ª. edição- Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora,2007.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (Série Atualidades Pedagógicas)**. In: Brasil, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 1997.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas S.A., 2014.997.

PERLIN, G. T. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p.51-74.

PINTO, D. N. **Libras: Língua Brasileira de Sinais**. Aracaju: UNIT, 2018.

STUMPF. M. R. **A educação bilíngue para surdos: relatos de experiência e a realidade Brasileira**. In: QUADROS, R. M. de e STUMPF, M. R. (org.) Estudos Surdos IV. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. Ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE LIBRAS APLICADO AOS ALUNOS DO 6º AO 9º DA ESCOLA JOÃO DO VALE, DE FORMA PRESENCIAL.



QUESTIONÁRIO SOBRE LIBRAS

Escola: _____ Série: _____
Turma: _____ Turno: _____
Aluno: _____

1- Qual é a sua idade?

2- Você é surdo ou ouvinte?

3- Você já teve a oportunidade de interagir com alguém que é surdo/ouvinte?
Se sim, como foi a sua experiência?

4- Você acha que a falta de comunicação é um obstáculo para a interação social entre alunos surdos e ouvintes? Por quê?

5- Você acha que a inclusão de alunos surdos em escolas regulares é importante? Justifique sua resposta?

6- Você acredita que a inclusão de alunos surdos em escolas regulares pode ajudar a melhorar a interação social entre alunos surdos e ouvintes? Por quê?

7- Você acha que os professores devem receber treinamento especializado para lidar com alunos surdos? Por quê?

8- Você acha que a tecnologia pode ajudar a melhorar a interação social entre alunos surdos e ouvintes? Por quê?

9- Qual sua maior dificuldade para se comunicar com um colega surdo/ouvinte?

10- Você tem alguma sugestão para melhorar a interação social entre alunos surdos e ouvintes?
